



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA

EDIMAR JOSÉ DE MORAIS

**ATUALIDADE DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA
RECONCILIATIO ET PAENITENTIA DE JOÃO PAULO II, PARA
VIVÊNCIA NO ANO JUBILAR DA MISERICÓRDIA (2015-2016)**

ANÁPOLIS

2017

EDIMAR JOSÉ DE MORAIS

**A ATUALIDADE DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA
RECONCILIATIO ET PAENITENTIA DE JOÃO PAULO II, PARA
VIVÊNCIA NO ANO JUBILAR DA MISERICÓRDIA (2015-2016)**

O trabalho de conclusão de curso para obtenção de diploma de graduação no Curso bacharelado Teologia, o mesmo será apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, tem como tema acima citado.

Orientador: Prof. Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDIMAR JOSÉ DE MORAIS

A ATUALIDADE DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *RECONCILIATIO ET PAENITENTIA* DE JOÃO PAULO II, PARA VIVÊNCIA NO ANO JUBILAR DA MISERICÓRDIA (2015-2016)

Trabalho de Conclusão de Curso defendida no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, para a obtenção do título de Bacharelado, aprovado em ____ de _____ de 2017, com nota _____ avaliada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.
Presidente da Banca

Prof
Membro titular interno

Prof.
Membro titular interno

DEDICATÓRIA

Deus tem estado sempre comigo nestes momentos quando foram traçados estes escritos, por isso, por muito ter feito em meu favor e de minha família (esposa e filha) este é dedicado a ele. É dedicado às pessoas que fazem parte de mim, em primeiro lugar minha esposa e minha filha, meus familiares e amigos de curso, pela experiência de três anos vivendo e aprendendo juntos, não podendo esquecer-se da estimada Paróquia Nossa Senhora d'Abadia, diocese de Anápolis, pelo apoio concedido.

AGRADECIMENTOS

Deus rico em misericórdia, digno de toda a honra e glória, pelos benefícios recebidos durante todo o processo de desenvolvimento deste, à Santa Mãe de Deus pela sua intercessão, agradeço também de maneira especial minha esposa e filha, que me acompanha durante todo tempo durante esta peregrinação, aos padres e professores pela dedicação das horas disponíveis para o ensino, a todos os colegas de faculdade que da mesma forma passaram e passam pelo mesmo peregrinar.

“Os pecadores pensam somente na misericórdia de Deus e deixam de lado sua justiça [...], e assim vão se lambuzando na lama do pecado: o Senhor é bom; mas também é justo. Não queiramos considerar unicamente uma das faces de Deus”(SÃO BASILIOMAGNO, 329).

“Confio ao Pai, rico de misericórdia, confio ao Filho de Deus, feito homem como nosso Redentor e Reconciliador, confio ao Espírito Santo, fonte de unidade e de paz, este meu apelo de pai e de pastor a penitencia e reconciliação” (JOÃO PAULO II 1984).

SIGLAS

CDC	Código do Direito Canônico
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CVII	Compêndio Vaticano II
MV	MisericordiaeVultus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO E SUA SATISFAÇÃO NA VIDA DO CRISTÃO	2
1.1 A ORIGEM DO MAL.....	12
1.2 RECONCILIAÇÃO.....	14
1.3 SATISFAÇÃO.....	17
2 A ATUALIDADE DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA, <i>RECONCILIATIO ET PAENITENTIA</i> DO PAPA SÃO JOÃO PAULO II COM O ANO DA MISERICÓRDIA INSTITUÍDO PELO PAPA FRANCISCO NO ANO DOIS MIL E DEZESSEIS.....	18
2.1 PERDÃO E A MISERICÓRDIA VEM DE DEUS.....	18
2.2 IGREJA ADMISTRADORA DA MISERICÓRDIA.....	20
2.3 RECONCILIAÇÃO: SACRAMENTO DA MISERICÓRDIA.....	22
3 A IMPORTÂNCIA DO ANO SANTO DA MISERICÓRDIA NA PRÁTICA DO SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO E PENITÊNCIA NA VIDA DOS CRISTÃOS.....	25
3.1 UM ANO EXTRAORDINÁRIO PARA A IGREJA.....	25
3.2 PORTA SANTA:UM CAMINHO PARA OS PEREGRINOS EM BUSCA DA MISERICÓRDIA.....	27
3.3 INDULGÊNCIA:CAMINHO DE SALVAÇÃO DAS ALMAS.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

O sacramento da Reconciliação e da Penitência e algumas de suas definições compunham a intenção primeira ao descrever algumas linhas do presente escrito, chegando ao tema citado: A atualidade da exortação apostólica *Reconciliatioetpaenitentiade* João Paulo II, para vivência no ano jubilar da misericórdia (2015-2016). Os escritos monográficos foram realizados em forma de pesquisas literárias, não somente com a intenção de conclusão de curso, mas também que estes sirvam de estudos e pesquisa para aqueles que dele se servirem.

Estes escritos estão divididos em capítulos onde tratarão do sacramento da Reconciliação e Penitência, tendo como fontes principais a exortação apostólica acima citada do Papa João Paulo II e outros artigos elaborados para o ano da misericórdia, e para se tratar deste assunto, primeiramente são apresentadas definições sobre o pecado e sua origem e sua consequência, o responsável pelo mal, que segundo Santo Agostinho é Satanás e o livre arbítrio do homem.

Deus quer reconciliar-se com os homens. A Sagrada Escritura desde o Antigo Testamento, e na pessoa de Jesus Cristo já no Novo Testamento, mostra a ação de Deus para reconciliar-se com o homem. O sacramento do Batismo não deixa o homem imune ao pecado. Assim, pela misericórdia de Deus, Jesus faz da Reconciliação um sacramento, isto é, um sinal sensível e eficaz da graça de Deus, um sinal que para ser bem realizado é necessário um arrependimento munido de uma contrição, ou seja, arrependimento por amor; a detestação do pecado que após confessado ao ordenado deve-se cumprir a penitência proposta pelo sacerdote, isto é, a satisfação.

A segunda parte, ou seja, o segundo capítulo, trata da atualidade da exortação apostólica, *Reconciliatioetpaenitentiade* João Paulo II, para o ano da misericórdia, em seus subcapítulos tendo como primeiro ponto: O perdão e a misericórdia vem de Deus, na pessoa de Jesus Cristo. São citadas algumas partes da Sagrada Escritura e outras fontes como de Papa João Paulo II e Papa Francisco juntado a outros escritos, mostram que a misericórdia e o perdão estão intimamente ligados à pessoa de Jesus, por todas as suas ações e de modo muito expressivo com seu gesto na cruz.

Segundo subcapítulo discorre: Igreja administradora da misericórdia é Jesus que delega à igreja o poder de 'ligar e desligar' (Mt 18,18), dado a homens comuns, pela ação do Espírito Santo o poder de perdoar os pecados, sendo assim, a igreja é administradora e dispensadora da misericórdia. Isto inclui o sacramento da Reconciliação, que é relatado no terceiro subcapítulo, discorrendo sobre a "reconciliação sacramento da misericórdia". O homem deve praticar o perdão. A reconciliação do homem com Deus é uma renovação espiritual, e os meios para se desfrutar do ato solene da misericórdia de Deus, aproximar-se do sacramento da reconciliação é aproximar-se da misericórdia de Deus. Os atos do penitente estão nitidamente expressos na parábola de filho pródigo narrada por Jesus no evangelho de Lucas. O arrependimento nos leva a uma confissão com Deus, e quais os caminhos para que se faça uma boa confissão.

Por fim, o terceiro capítulo está dividido em três subcapítulos discute a importância do ano santo da misericórdia na prática do sacramento da Reconciliação e Penitência na vida dos cristãos, também dividido em três partes, na primeira coloca-se sobre: Um ano extraordinário para Igreja, que é iniciado com a festa da Imaculada Conceição no ano de 2015. Trata da integração de toda a Igreja voltada para a celebração litúrgica, que deseja ir ao encontro dos menos favorecidos, tendo como exemplo de Cristo que acolhe e tem compaixão dos seus, "dai vós mesmos o de comer" (Lc 9,13), palavras do Papa Francisco que pede para a Igreja no dia de hoje. O povo tem sede e fome de Deus, e isso intensifica o olhar da Igreja na misericórdia, nos sinais e no agir de Deus. Importante lembrar que o homem é pecador e necessitado de perdão.

O segundo subcapítulo intitula-se: Porta santa, um caminho para os peregrinos em busca de misericórdia, em busca do perdão. Um presente de Deus para todo o povo cristão! Ir ao encontro e passar pela porta santa em peregrinação, não somente à porta santa, mas em todas as portas de misericórdia espalhadas em todas as dioceses do mundo inteiro, para se conseguir o perdão das penas temporais, ou seja, das indulgências, munido de toda a devoção necessária para adquiri-las, passar pela porta santa é entrar em Jesus Cristo pela misericórdia de Deus.

A terceira parte: Indulgência: caminho de salvação da alma, traz que após o arrependimento e perdão dos pecados, o homem era indulenciado pela misericórdia

de Deus, pelo caminho da satisfação, eram penas pesadas em que submetiam a exemplo do rei Davi, como a perda de seu filho com Betsabéia que era esposa de Urias (cf II Samuel 12,13). A Igreja define, administra e expõe as vias necessárias para que o fiel possa adquirir uma indulgência, tendo como princípio o batismo, a contrição, a confissão, o perdão dado pelo presbítero, cumprir a satisfação que é imposta pelo presbítero, rezar na intenção do Papa. Para a Igreja é um ano especialíssimo em que o Papa Francisco concede indulgência plena aos fiéis que passarem pela porta santa e da misericórdia é favorecido na intenção de recebê-la.

1 SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO E SUA SATISFAÇÃO NA VIDA DO CRISTÃO.

O desejo de reconciliação parte do próprio Deus aos Homens, após a desobediência do homem ter experimentado do fruto do conhecimento do bem e do mal pela sedução da serpente (cf. Gn 3,1-5). Deus chama o homem à reconciliação através de sua aliança filial, se fazendo homem e estando no meio de nós (Lc 1,30-37). Pelo sacramento do batismo, dado por Jesus toda a humanidade é chamada a se reconciliar com Deus, a ter um novo nascimento, como Jesus propõe a Nicodemos “É necessário para vós nascer do alto” (Jo 3,7), um nascimento que o homem se torna filho e filha de Deus, possuidor da graça santificante, e insere na Igreja, não é uma vacina que dá imunidade diante do pecado. Logo, podendo voltar novamente a pecar dependendo de sua aceitação e reconhecimento de seu estado de pecado.

A conversão a Cristo, o novo nascimento pelo batismo, o dom do Espírito Santo, o corpo e o sangue de Cristo recebido como alimento nos tornaram santos e irrepreensíveis diante dele (Ef 1,4), como a própria Igreja, esposa de Cristo, é santa irrepreensível (Ef 5,27), entretanto a nova vida recebida na iniciação cristã não suprimiu a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação ao pecado, que a tradição chama de *concupiscência*, que continua nos batizados para prová-los no combate da vida cristã, auxiliados pela graça de Cristo. É o combate da *conversão* para chegar à santidade e à vida eterna, para qual somos incessantemente chamados pelo Senhor (CIC 1426).

O homem foi criado para a liberdade, revestido da graça de Deus pelo batismo, santos irrepreensíveis como a Igreja é. A concupiscência leva o homem ao afastamento de Deus e o deixa frágil e sem disposição para alcançar o seu fim último que é a vida eterna. Por isso a Igreja convida os batizados a sempre combater esse mal pela conversão.

1.1 A ORIGEM DO MAL

O mal certamente não foi gerado e nem criado por Deus, pois na Sagrada Escritura, no livro de Gêneses está escrito: “E Deus viu que tudo quanto havia feito, era muito bom [...]” (Gn 1,31), isto aconteceu após Deus ter criado as coisas visíveis e invisíveis. Deus criou o homem e a mulher, eles foram criados possuindo a liberdade que também é uma coisa boa. Veremos o que Santo Agostinho

dizendosobre a origem do mal:“Portanto, não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio” (AGOSTINHO,1995, p.52). A vontade do homem unido ao seu livre arbítrio teve influência diretamente nas distorções contrárias às ordens de Deus.

Por trás da opção de desobediência de nossos primeiros pais há uma voz sedutora que se opõe a Deus e que, por inveja os faz cair na morte. A Escritura e a Tradição da Igreja vêem neste ser um anjo destronado, chamado Satanás ou Diabo. A Igreja ensina que ele tinha sido anteriormente um anjo bom, criado por Deus. *Diabulusenimet aliidaemones a Deoquidem natura creati sunt boni, sedipsi per se factisuntmali* – com efeito, o diabo e outros demônios foram por Deus criados bons em (sua) natureza, mas se tornaram maus por sua própria iniciativa (CIC391).

Deus é bom e pela sua essência não tem capacidade de criar coisas más, tendo criado tudo de forma ordenada, as criaturas visíveis e invisíveis, as terrestres e as celestiais. O malprovem da inveja de um ser criado que foi bom e ficou destronado sendo oposto a Deus pela sua própria liberdade e consciência.

Satanás, anjo caído, fez o homem cair na desobediência a Deus conforme texto da Sagrada Escritura “Deus disse: Façamos o ser humano à nossa imagem e segundo a nossa semelhança[...] (Gn 1,26)”.Deus sendo livre criou o homem munido de toda a liberdade, a desobediência do homem veio pela sua liberdade. Deus não interfere na livre escolha de nossos primeiros pais, mesmo sabendo que Satanás usaria de sua artimanha para seduzir o homem à desobediência. A Igreja trata desse episódio como pecado original, pois nele se tem o conhecimento do bem e do mal pelo homem(Cf. Gn 3,5).

Há várias definições sobre o mal (pecado), dentre as definições, cito Santo Agostinho, doutor da igreja:

Segundo Agostinho, o pecado não deve ser considerado em termos positivos, mas negativos, como privação do bem. Ele define a essência do pecado como concupiscência (*concupiscentia*), palavra usada para traduzir o sentido bíblico de desejo carnal, mas entendida por Agostinho como amor-próprio pervertido, oposto do amor a Deus. Todavia, essa definição de pecado como egoísmo deixa de fazer jus a sua seriedade em termos bíblicos, como, um ato praticado contra Deus (NOVO DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, 2011, p.781).

Santo Agostinho diz que o pecado é uma privação do bem, analisando, não é uma coisa boa, pois se o pecado priva o bem então é uma barreira de contenção para possuir a coisas boas, isto é, aquelas que são perfeitas e belas, onde tudo está em harmonia.Nossosprimeiros pais viviam no paraíso e possuíam toda a amizade de Deus, participavam da sua divindade.

O primeiro homem não só foi criado bom, mas também foi constituído em uma amizade com seu Criador e em tal harmonia consigo mesmo e com a criação que o rodeava que só serão superadas pela glória da nova criação em Cristo(CIC 1850).

Segundo Santo Agostinho pela concupiscência o homem foi privado desta graça, da amizade profunda de Deus, em termos não do desejo da carne como trata a Sagrada Escritura, mas como o amor que é oposto ao amor de Deus, querer tudo voltado para seus próprios interesses egoístas.

O pecado é ofensa a Deus: Pequei contra ti, contra ti somente; pratiquei o que é mau aos teus olhos'. (Sl 51,6). O pecado ergue-se contra o amor de Deus por nós e desvia dele os nossos corações. Como o primeiro pecado, é uma desobediência, uma revolta contra Deus, por vontade de tornar-se como deuses, conhecendo e determinando o bem e o mal (Gn 3,5). O pecado é, portanto, amor de si mesmo até o desprezo de Deus. Por essa exaltação orgulhosa de si, o pecado é diametralmente contrário à obediência de Jesus, que realiza a salvação (CIC 1850).

O Catecismo da Igreja Católica apresenta a definição sobre o pecado de forma sistemática, o praticar o mau não é algo que provem de Deus. Para que haja o pecado é preciso reconhecer ser pecador, que errou contra Deus, pela própria vontade pelos seus atos afastando-se de Deus. Obedecer a Deus é um ato solene e digno de misericórdia e harmonia com Deus, mas se não obedece, torna-se contrário e desagradável a Deus.

O pecado existe: o Papa Paulo VI disse certa vez que o pior pecado do homem hoje é negar a existência do pecado [...], o pecado é um abuso da liberdade que Deus nos dá para fazer o bem (AQUINO, 2012, p.89).

Papa João Paulo II em sua encíclica *Reconciliatio et paenitentia*, lembra-se das palavras que seu predecessor, Pio XII, que diz a respeito do pecado que pode ser meditado nos dias atuais: “o pecado do século é a perda do sentido do pecado” (João Paulo II, n. 18), essas citações dirigidas em épocas diferentes e atualizadas para nossos dias é oculta pela ideologia do relativismo.

1.2 RECONCILIAÇÃO

Deus é onipotente e possuidor de misericórdia, pois é de graça o perdão dos pecados e comprovadamente só não são perdoados os pecados se o homem assim não o quiser. O homem vem de Deus e para ele deve voltar. Porém, há necessidade de uma apropriação da graça por parte do homem, a sua liberdade deve dizer um sim para esta ordem da criação divina, para voltar para Deus.

Dizer, por conseguinte, que alguém, após o pecado, não possa alcançar a graça divina, é anular a potência divina. Além disso, os dons gratuitos não podem coexistir com o pecado, porque, por eles, o homem é ordenado para o fim, do qual, pelo pecado, é afastado. Dizer, portanto, que os pecados não

são remissíveis, é negar a potência divina (COMPÊNDIO DE TEOLOGIA, 1977, p. 88).

A nova vida recebida pelo batismo apaga todos os pecados do homem e os faz filhos e filhas de Deus, contudo a inclinação para praticar o mal não é retirada da natureza humana. Dispensar os meios para evitar o mal, as fragilidades humanas, é assinar o decreto contra a vida eterna.

Mas, se caminharos na luz, como ele está na luz, então estamos em comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu Filho, nos purifica de todo o pecado [...]. Se reconhecemos nossos pecados, então Deus se mostra fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça (1Jo 1,7-9).

O homem ofendeu a Deus de forma muito grave, e para o problema do pecado uma compensação à altura da ofensa, Deus na sua infinita misericórdia envia seu primogênito para remissão do pecado. Jesus é a luz que ilumina o homem para estar em comunhão com Deus e com a Igreja. Assim, como o pecado é cometido pela liberdade do homem, a reconciliação é partida do próprio criador para as criaturas, pela sua fidelidade perdoa os pecados e nos torna puros.

A reconciliação no Antigo Testamento não é tida como sacramento, e sim uma redenção, um resgate de algo perdido:

Sob a visão religiosa, Deus age como redentor ao libertar poderosamente seu povo do cativo 'Assim sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus que vos liberta dos trabalhos impostos pelos Egípcios' (Ex 6,6-7; cf. Is 48,20) ou do pecado (Sl 130,8). Resgate poderá ser pago a Deus na forma de sacrifício ou oferta, para libertar pessoas cujas vidas estariam perdidas (Ex 13,13), (NOVO DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, 2011, p.852).

A reconciliação é um ato de misericórdia do próprio Deus em favor da humanidade, mostrada de forma clara na libertação dos Hebreus, da opressão que sofria impostas pelos egípcios, e a libertação de Jacó dos Babilônios. Deus faz promessa de redimir todas as culpas de seu povo, no livro do Êxodo encontra-se uma analogia de sua aliança de salvação do seu povo, um cordeiro, que no Novo Testamento é o filho primogênito, para libertar o que está perdido, isto é o seu povo.

Pode-se citar a realidade da reconciliação na história da Igreja antiga, o seu tipo de anúncio profético, na lei de Moisés:

Seé o sacerdote ungido que peca, tornando-se assim culpado o povo, oferecerá pelo pecado cometido, como sacrifício expiatório ao senhor, um bezerro sem defeito. [...] (Lv 4,3).

Seguindo também outros tipos de atos de pecados involuntários que são compensados com sacrifícios para obter o perdão de Deus. Todo o sacrifício era

público, o profeta ensinava aos pecadores que a consequência do pecado é a morte. O animal sacrificado morria no lugar do pecador. O modo de execução dos sacrifícios é equivalente ao sacramento da reconciliação.

Somente Deus perdoa os pecados por intermédio de seu filho primogênito Jesus Cristo, ele vem com autoridade para remir os pecados, conforme está escrito “Pois bem, para que saibais que o filho do homem tem na terra poder para perdoar os pecados [...]” (Mt9,6), esse poder de perdoar os pecados é o mesmo poder do próprio Pai: “Quem me viu, tem visto o pai” (Jo 14,9) com isso é o próprio Deus que os perdoa na pessoa de Jesus Cristo.

Jesus eleva a reconciliação ao sublime grau de sacramento e transmite aos apóstolos e seus sucessores o poder de perdoar os pecados:

Ora, este poder de perdoar os pecados Jesus confere-o, mediante o Espírito Santo, a simples homens, sujeitos também a eles próprios à incidência do pecado, isto é dos seus apóstolos [...], aos seus sucessores, investidos pelos mesmos apóstolos na missão e na responsabilidade de continuar a sua obra de anunciadores do evangelho e de ministros da obra redentora de Cristo (JOÃO PAULO II n. 29).

Após ter entrado no meio deles e ter dado a paz aos apóstolos, Jesus soprou neles e disse “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, lhes serão retidos” (Jo 20, 22 -23).

Embora muitas outras denominações religiosas não levem em consideração a sucessão apostólica na Igreja Católica, a Sagrada Escritura e a Tradição possuem várias citações que comprovam a sucessão, entre elas no livro dos Atos dos Apóstolos: “Os apóstolos designaram presbíteros para cada igreja e, com orações e jejuns, os confiavam ao Senhor em Quem haviam acreditado” (At 14,23).

O poder de perdoar estende-se absolutamente a todos os pecados [...], ‘tudo o que desatardes [...]’ (Mt 18,18), e pela prática universal da igreja, que, mesmo nas épocas de máximo rigor disciplinar, absolvía os pecados mais detestáveis [...] (SADA & MONROY. 1991, p.100).

A Igreja pelo sacramento da ordem, através de seus presbíteros é portadora do poder de perdoar os pecados. Por isso, o que Jesus disse aos seus apóstolos sobre o perdão dos pecados é válido para bispos e presbíteros de hoje pela sucessão apostólica, e os pecados devem ser confessados aos mesmos, para a remissão destes e a satisfação.

O decreto *Presbyterorum Ordinis* declara: Os Presbíteros pelo Sacramento da Penitência reconciliam os pecadores com Deus e com a Igreja [...], os presbíteros na administração do sacramento, unem-se com a intenção e a

caridade de Cristo. Fazem-no de maneira especial ao exercerem o múnus do sacramento da penitência, quando se mostram sempre prontos disponíveis, todas as vezes que os fiéis o pedirem razoavelmente (DIOCESE DE RIO PRETO, 1988, p. 190).

A Igreja está sempre à disposição para a reconciliação dos fiéis com Deus e com ela mesma. Para que isso aconteça é preciso que o penitente queira a reconciliação, que reconheça ser pecador e que possua o desejo de ser perdoado após ter cometido infração contra Deus.

Reconhecer os pecados é se sentir como o filho pródigo que toma uma decisão de voltar para casa do Pai e dizer: “Pai, pequei contra Deus e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho [...]” (Jo 15,18). O filho reconhece os seus pecados e arrependido vai ao encontro do pai em busca da reconciliação, isto é, o perdão de suas faltas, o homem arrependido volta para Deus e torna-se justo diante dele e dos irmãos.

1.3 SATISFAÇÃO

A gravidade do pecado foi de alta periculosidade visto que, somente pela compensação, para satisfazer tal ato cometido pela liberdade do homem: essa compensação, somente pela graça de Deus, que é manifestado no sacrifício de Jesus Cristo: “E o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1Jo 1,7). Assim como o sacrifício de Jesus Cristo foi para satisfazer os pecados cometidos, os penitentes também devem apresentar a Deus o cumprimento das penas impostas pelo sacerdote antes da absolvição dos pecados, esse cumprimento é tido como satisfação. Conforme o Catecismo da Igreja Católica:

A penitência impele o pecador a suportar tudo de boa vontade. “Em seu coração está o arrependimento: em sua boca a acusação; em suas obras, plena humildade e proveitosa satisfação” (CIC 1450).

Com isso, o confessor, deve se aproximar de Cristo na pessoa do sacerdote, com coração contrito, isto é, arrependido de ter cometido pecado, e acusar seus pecados. Contar os pecados graves e não graves ao sacerdote, para que seja perfeito o ato do sacramento da confissão, deve se cumprir a penitência que o sacerdote impõe antes da absolvição a este ato se chama também de satisfação.

A verdadeira conversão se completa pela satisfação das culpas, pela mudança de vida e pela reparação dos danos causados (Concílio de Trento, sobre o sacramento da penitência - cap. 8), as obras e a medida da

satisfação devem adaptar-se a cada penitente para que cada um restaure a ordem que lesou e possa curar-se com remédio adequado. É necessário que a satisfação imposta seja realmente remédio para o pecado e, de algum modo, renovação devida (AQUINO, 2004. p.72).

A reparação dos pecados pela satisfação é dada ao penitente que procura com o arrependimento o perdão dos pecados cometidos. A conversão, isto é, uma mudança de vida, com a devida satisfação cumprida, a reconciliação com Deus e a igreja é completa. Cada penitente possui a sua devida satisfação, não deve ser algo que seja impossível de realizá-lo, o remédio é de acordo com o tipo de doença, dado pelo sacerdote, aquele a quem o confessa, para que o penitente fique livre de todas as culpas, deixando mais breve o tempo na Igreja que padece: “Em verdade, te digo: dali não sairás, enquanto não te pagares o último centavo” (Mt 5,26). Diante destas colocações entende-se que a satisfação de nossas culpas antecipa a nossa chegada ao nosso fim último, isto se a satisfação for perfeitamente realizada.

2 ATUALIDADE DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA, *RECONCILIATIO ET PAENITENTIA* DO PAPA SÃO JOÃO PAULO II COM O ANO DA MISERICÓRDIA INSTITUÍDO PELO PAPA FRANCISCO NO ANO 2016.

2.1 PERDÃO E A MISERICÓRDIA VÊM DE DEUS

No capítulo anterior, foi mencionado em algumas definições que o mal provém da ação da liberdade do homem pela sedução do maligno, mas da mesma forma o perdão e a misericórdia, provém de Deus feito homem na pessoa de Jesus Cristo. Ele é o enviado de Deus, é o próprio perdão. João dá o testemunho, pois ele mesmo quando viu que Jesus vinha a seu encontro disse: Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo [...], ele é o Filho de Deus” (Jo 1,29-34).

O perdão e a misericórdia estão intimamente ligados à pessoa de Jesus, e na sua vida pública isso já é constatado: “Coragem, filho, os teus pecados estão perdoados [...]” (Mt 9,2). Pela misericórdia de Jesus é que o homem foi perdoado conforme é mostrado em outras situações, como por exemplo; a cura de um leproso “Jesus encheu-se de compaixão, e estendendo a mão sobre ele, o tocou [...]” (Mc 1,41), e naquele instante o homem foi limpo de suas enfermidades, não somente do corpo mas também da alma, o olhar de compaixão de Jesus fez com que fossem perdoados os pecados.

Assim descreve o Cardeal Dom Cláudio Hummes no que diz Papa Francisco ao tratar do extraordinário ano santo da misericórdia:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai [...] precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria serenidade e paz. É condição de nossa salvação [...] misericórdia é o ato último e supremo pela qual Deus vem ao nosso encontro [...] misericórdia é o caminho que une Deus ao seu humano, porque nos abre o coração para esperança de sermos amados para sempre, apesar do nosso pecado (HUMMES. 2015, p. 10).

Em Jesus, é revelado e transmitido a todos os povos, a misericórdia que vem de Deus, é para seu povo fonte de perdão, dado por Jesus em seu último ato na cruz. Contemplar este ato é buscar o perdão de nossas misérias, fazer uso da virtude da esperança. Deus vem até nós por seu amor.

Deste modo, a Cruz de Cristo, na qual o Filho consubstancial ao Pai presta plena justiça a Deus, é também revelação radical da misericórdia, ou seja, do amor que se opõe àquilo que constitui a própria raiz do mal na história do

homem: se opõe ao pecado e à morte[...], Amor mais forte do que a morte, mais forte do que o pecado(JOÃO PAULO II. 1980, p.15-29).

O amor misericordioso revelado na cruz de Cristo mostra o caminho de regresso dos homens ao Pai, isto é, uma conversão, mudança de vida.

A justificação é obra que provem da Santíssima Trindade, como diz o catecismo “A justificação é a obra excelente do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus e concedido pelo Espírito Santo”(CICn. 1994). Toda a ação de misericórdia e perdão é dada pela Santíssima Trindade, pois toda a ação é conjunta, como é feita todas as outras ações desde a criação. É missão e vontade de Jesus, anunciar a misericórdia “misericórdia eu quero, não sacrifícios” [...] (Mt 9,13), e isso foi transmitido para a Igreja para que fosse realizado.

A definição de misericórdia está na ação de Deus para com seu povo escolhido durante toda a história da salvação, e até hoje o conceito deste amor misericordioso prevalece no coração da Igreja que é administradora da misericórdia.

A palavra misericórdia deriva da dor que se sente pelo miserável. Há duas palavras contidas nesse conceito: miséria e coração. Quando teu coração é tocado e atingido pela miséria dos outros, então isso é misericórdia(CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DE UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2016, p.57).

Jesus praticava o perdão e a misericórdia de forma extraordinária para com os homens, pois sendo filho de Deus ele fazia as obras como o próprio Deus conforme escriturado no Antigo Testamento no livro dos Salmos:

Mas ele, na sua misericórdia, perdoava o pecado e não os destruía. Muitas vezes refreou sua ira e não deixava agir todo seu furor. Lembra-se de que eram mortais um sopro que se vai e não volta (Sl 78, 38-39).

Esse diz respeito ao perdão e a misericórdia de Deus com os Hebreus seu povo escolhido, que após serem libertos das mãos do Faraó, não obedeciam a Moisés e as leis prescritas pelo próprio Deus. Ele teve compaixão de seu povo e atendeu ao pedido feito por Moisés, assim como no Novo Testamento em que os homens se achegaram até Jesus com suas enfermidades e eram perdoados e libertados.

Há vários modos de expressar o verdadeiro significado o da palavra misericórdia, Jesus o fez durante toda a sua vida terrena quando acolheu o povo que sofria. No ano dedicado a misericórdia, poder viver o sacramento da reconciliação, e perfeitamente completado pela satisfação, é experimentar o abraço misericordioso do Pai e voltar à vida com os irmãos, deixar as injustiças,

autossuficiência, é ser libertado, purificado e conduzido pelo amor misericordioso de Deus.

Aquele que experimentou o abraço misericordioso de Deus, que tocou sensivelmente a grandeza da misericórdia no sacramento da reconciliação, renuncia a vida dos julgamentos, acusações e justificativas da autossuficiência (SANTUÁRIO DA DIVINA MISERICÓRDIA, 2015, p. 41).

É a experiência do filho mais novo em Lucas 18,24, o arrependimento, uma contrição e uma confissão ao pai, quando recebe a graça do perdão. O Pai nem sequer dá atenção ao seu discurso de arrependimento, mas simplesmente o abraça, é um abraço misericordioso do perdão, um filho que estava morto e voltou à vida. Certamente como um filho de um rei, com túnica, anel e sandália aos pés, foi justificado pela misericórdia na reconciliação com pai, pois deixa de ser escravo de outros e agora faz parte da corte.

2.2 IGREJA ADMINISTRADORA DA MISERICÓRDIA

A misericórdia de nosso Senhor pelos homens é um presente de Deus que a Igreja quer dissipar por todas as partes, dando ao homem a proximidade com Deus e com a comunidade.

A Igreja vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do criador e do redentor, e quando aproxima os homens da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora (MV, 2015, n. 11).

A autenticidade da Igreja consiste em realizar aquilo que lhe é delegado por Jesus Cristo. Uma destas delegações é o poder de ligar e desligar dado aos apóstolos: “em verdade vos digo, tudo que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo que desligardes na terra será desligado no céu” (Mt 18,18). Ligar e desligar são funções da Igreja, para entender melhor sobre a afirmação do poder de perdoar, no dia de pentecostes Jesus soprou sobre os apóstolos e falou: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem retiverdes, lhes serão retidos” (Jo 20,23).

A exortação Apostólica *Reconciliatio et paenitentia* de São João Paulo II, traz ainda o mistério da iniquidade, do pecado, a desobediência a Deus, a divisão entre os irmãos, e os diversos tipos de pecados individuais e os de nível social, a perda do sentido do pecado (JOÃO PAULO II, 1980, p.44 a 66). A sagrada escritura diz: “Pois o mistério da iniquidade está em ação” (II Tes 2,7). Tem como objetivo de afastar os homens do caminho de Deus. “Por trás de todo este mistério está

Satanás, o inimigo de Deus e nosso”(ROBERTO, 2011, p.99). O Papa João Paulo II, em sua Exortação Apostólica *Reconciliatioetpaenitentia*, faz a citação de seu predecessor Pio XII que declarou: “O pecado do século é a perda do sentido do pecado” (JOÃO PAULO II. 1984, p. 62), e depois continua sobre o perdão dos pecados:

Ora, este poder de perdoar os pecados Jesus confere-o, mediante o Espírito Santo, a simples homens, sujeitos também eles próprios à insidia do pecado, isto é, aos seus apóstolos: ‘Recebei o Espírito Santo: a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; àqueles à quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos’. Esta é uma das mais formidáveis novidades evangélicas! Jesus confere tal poder aos Apóstolos também como transmissíveis – assim entendeu a Igreja desde o seu dealbar – aos seus sucessores, investidos pelos mesmos apóstolos na missão e na responsabilidade de continuar a sua obra de anunciadores do evangelho e de ministros da obra redentora de Cristo (JOÃO PAULO II, 1980, n.29).

Acima é afirmado por São João Paulo II que, Jesus pelo poder do Espírito Santo concede a homens simples como os pescadores e pessoas injustas que foram justificadas por Cristo como cobradores de impostos, o poder de perdoar os pecados. O poder de perdoar revelados às pessoas comuns é também transmissível a pessoas que as sucederam, pela imposição das mãos dos bispos a missão de continuar a obra evangelizadora dada aos apóstolos. Sobre a sucessão apostólica o Catecismo da Igreja Católica diz:

Para desempenhar sua missão, os apóstolos foram enriquecidos por Cristo com especial efusão do Espírito Santo, que desceu sobre eles. E eles mesmos transmitiram a seus colaboradores, mediante a imposição das mãos, este dom espiritual que chegou até nós pela sagração episcopal (CIC1556).

Por isso a Igreja com seus ordenados, possuem a missão e o poder de administrar e continuar as obras de evangelização, ministrar os sacramentos, e entre eles o de perdoar os pecados, de fazer com que o homem volte à amizade com Deus pela ação do Espírito Santo.

Os homens receberam de Deus um poder que não foi dado aos anjos nem aos arcanjos. Nunca foi dito ao espírito celeste ‘o que ligardes e desligardes na terra será ligado e desligado no céu’. Os príncipes deste mundo só podem ligar e desligar o corpo. O poder do sacerdote vai mais além; alcança alma, e exerce-se não só em batizar, mas ainda mais em perdoar os pecados[...] (SANTUÁRIO DA DIVINA MISERICÓRDIA, 2015, p.64).

É dada então aos homens comuns, esta graça de poder perdoar os pecados, pela misericórdia de Deus. A Igreja é administradora dos bens a ela confiada: Os sacramentos. Está em suas mãos a salvação de almas, o retorno e a reconciliação com Deus e com os homens.

Como ministro da confissão, o sacerdote dispensa a graça sacramental em Cristo e na igreja [...], agindo em nome de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, o ministro coloca-se ao serviço da palavra do Senhor porque realiza o mandato sobre o perdão que Cristo confiou aos Apóstolos e aos seus sucessores (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DE UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2015, p.101).

Deus confiou à Igreja o poder de administrar os sacramentos, e de modo ordinário a reconciliação de onde é demonstrada toda a sua misericórdia, isso a Igreja tem poder de dispensá-las aos homens, a Igreja e seus ordenados se colocam a serviço da misericórdia, e os homens são agraciados por este dom de Deus, isto é, o sacramento penitencial e reconciliador encoberto pela misericórdia de Deus.

2.3 RECONCILIAÇÃO: SACRAMENTO DA MISERICÓRDIA

O ano santo da misericórdia instituído pelo Papa Francisco é um presente de Deus para toda a humanidade, não somente para os católicos, mas para todos que se consideram cristãos, “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Este pedido de Cristo leva a Igreja a não somente meditar, mas também praticar o perdão. Sobre o sacramento da reconciliação Papa Francisco não só bem tratou como aplicou o ano santo da misericórdia, sobre o sinal do perdão diz o Papa São João Paulo II na sua exortação apostólica pós-sinodal:

O poder de perdoar os pecados conferidos por Cristo aos seus sucessores desenvolveu-se na Igreja a consciência do sinal do perdão, concedido mediante o sacramento da penitência [...], mas quanto à substância do sacramento, permaneceu sempre sólida e imutável, na consciência da Igreja a certeza de que, por vontade de Cristo, o perdão é oferecido a cada um por meio da absolvição sacramental, dada pelo ministro da penitência (JOÃO PAULO II, 1980 p.100).

O meio mais sólido para o homem reconciliar-se com Deus é o arrependimento de ter cometido pecados, e através do sacramento da reconciliação procurar a misericórdia de Deus, e pela confissão, com coração contrito confessar-se com sacerdote legitimamente ordenado pela Igreja Católica, que possui a ordem para administrar o perdão. O sacramento da reconciliação é uma ação sólida da Igreja que acolhe e purifica o penitente de todos os pecados.

Aqueles que se aproximam do sacramento da penitência obtêm da misericórdia Divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja que feriram pecando e a qual colabora para sua conversão com caridade, exemplos e orações (CV II, 1968, 30).

O Catecismo da Igreja Católica em poucas palavras define alguns dos efeitos em que o sacramento da reconciliação ou da penitência provoca na vida espiritual do homem, a Igreja também define no código de direito canônico:

Nosacramento da penitência, os fiéis que confessamseus pecados ao ministro legítimo, arrependidos e com propósito de se emendarem, alcançam de Deus, mediante a absolvição dada pelo ministro, o perdão dos pecados cometidos após o batismo, e ao mesmo tempo se reconciliam coma igreja, à qual feriram pelo pecado (CDC 959).

A reconciliação sacramental é própria da igreja que procura a renovação espiritual de seus membros, e se preocupa com bem estar das almas, por isso Concílio Vaticano II, vai dizer: “A Igreja contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessita de purificação, exercita continuamente a penitencia e a renovação” (LG n.8).

Esta purificação é dada pela própria Igreja em forma judicial, pelo poder de Cristo transferido aos apóstolos e aos seus sucessores, neste caso podem ser considerados juízes da misericórdia.

O poder que a Igreja tem de perdoar os pecados é judicial; isto é, o poder conferido por Cristo aos apóstolos e seus sucessores implica um verdadeiro acto jurídico: há um juiz, um réu e uma culpa. Realiza-se um julgamento, pronuncia-se uma sentença e impõe-se um castigo (SADA & MONROY. 1991, p.101).

O tribunal de nossas contas é o confessorário, onde o réué o penitente arrependido que acusa a si mesmo pelos delitos cometidos. O juiz do tribunal é o sacerdote, que na pessoa de Cristo, perdoa e aplica a sentença. Este deve pagar por seus atos, e isso é chamado de satisfação. “A absolvição tira o pecado, mas não remedia todas as desordens que ele causou [...], esta satisfação chama-se também penitência” (AQUINO, 2004, p.59),conforme no primeiro capítulo foi tratado.

Os atos do penitente estão muito bem expressos na parábola do filho pródigo, após ter gasto toda a sua herança com uma vida desregrada, ter comido restos dados aos porcos “então caiu em si [...], então ele partiu e voltou para seu pai[...]. O filho então lhe disse: Pai pequei contra Deus e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho” (Lc 15,21).

O primeiro ato do penitente para fazer uma boa confissão, é cair em si, isto é, fazer exame de consciência, trazer em seu coração os males que ofenderam a Deus e a Igreja, aos mandamentos: “convém preparar a recepção deste sacramento fazendo-se um exame de consciência à luz da palavra de Deus[...].”(CIC.1454).

Além deste exame de consciência, deve-se efetuar os caminhos necessários para que Deus possa conceder a remissão dos pecados por meio da igreja que atua pelo ministério dos seus sacerdotes diz Filipe Aquino:

- a) Contrição: Entre os atos do penitente ocupa o primeiro lugar a contrição, ou seja 'a dor da alma e a detestação do pecado cometido, com propósito de não mais pecar[...]
- b) Confissão: Do sacramento da penitencia faz parte a confissão das culpas que procede do verdadeiro conhecimento de si mesmo diante Deus, e da contrição dos pecados [...]
- c) Satisfação: a verdadeira conversão se completa pela satisfação das culpas, pela mudança de vida e pela reparação do dano causado [...]
- d) Absolvição: ao pecador que manifestou sua conversão ao ministro da Igreja, pela confissão sacramental, Deus concede o perdão mediante o sinal da absolvição, e assim realiza o sacramento da penitencia (AQUINO, 2004 p.72).

Além do arrependimento dos pecados, o penitente para ficar literalmente livre do mal cometido por ele, deve manter-se distante das ocasiões de pecado, isto é, dos atos ou situações que podem fazer com que o penitente peque novamente. A confissão dos pecados define-se em contar todos os pecados ao sacerdote, é obrigatório expor os pecados graves, ou seja, os mortais, não tão obrigatório os veniais, pois estes são apagados pela satisfação, mas é aconselhado que estes sejam confessados. “Se reconhecemos nossos pecados, então Deus se mostra fiel e justo, para nos perdoar dos pecados e nos purificar de toda a injustiça” (1Jo 1,9).

3 A IMPORTÂNCIA DO ANO SANTO DA MISERICÓRDIA NA PRÁTICA DO SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO E PENITÊNCIA NA VIDA DOS CRISTÃOS

3.1 UM ANO EXTRAORDINÁRIO PARA IGREJA

A proclamação do ano Santo da Misericórdia, pelo Papa Francisco, teve início no dia 8 de dezembro de 2015, e terminou na solenidade de Cristo Rei, em novembro de 2016. Diante desta data especial, Deus concedeu à Igreja as graças para sua santificação, para agir como nosso Pai.

Bispos, sacerdotes, irmãos e irmãs religiosos, juntamente com os leigos, formam a Igreja de Cristo. “A celebração litúrgica é um momento privilegiado para poder descobrir e deixar-se fascinar pelo rosto misericordioso do Pai” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DE UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2015, p.9). O rosto santo e misericordioso de Cristo é também sofredor, e no ano litúrgico, deixar-se fascinar por este rosto é também participar com mais intensidade da celebração litúrgica ‘corpo místico de Cristo’, trazendo para mais próximo os mais necessitados, deixar chegar até Cristo os pequeninos, para a Igreja trazer para perto de si os pequeninos, as criancinhas no sentido de necessitados da misericórdia, conforme Cristo diz a seus discípulos “Deixai as crianças, e não as impeçais de virem a mim porque as pessoas assim é que pertence o Reino dos Céus” (Mt 19,15).

A Igreja mostra seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida. Não espera que os feridos batam à sua porta, vai à procura deles pela rua, acolhe, abraça, cuida, e faz com que se sintam amados (FRANCISCO, 2015 p.34).

O rosto da mãe Igreja é a misericórdia, que recebe o chamado do Papa Francisco para olhar para os fracos. Assim, a Igreja lembra-se da ação de Jesus no meio da multidão, quando já era de hora avançada, o povo já com fome Jesus diz aos seus apóstolos: “Vós mesmos, dai-lhes de comer” (Lc 9,13). Este ano extraordinário da misericórdia para Igreja é um chamado para intensificar a ação evangelizadora, o povo tem fome e sede. Jesus neste mandato quer antecipar aos discípulos que eles seriam os anunciadores da misericórdia deste amor que sacia a fome e a sede Deus.